



Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana • Sexta-feira, 28 de Janeiro de 2005



O á t t i m o Claridoso

KRIOLIDADI



MANUEL

o último

POR: JOSÉ VICENTE LOPES

Logo agora que já nos tínhamos, todos, acostumado com a eternidade de Manuel Lopes, preparando-nos para comemorar o seu centenário em vida, eis que ele morre aos 97 anos, em Lisboa, onde residia há 45 anos. Com ele extingue-se também o último sobrevivente dos fundadores de *Claridade*, revista criada por ele, Baltasar Lopes da Silva, Jorge Barbosa e Manuel Veloso, já lá vão quase 70 anos, marcando para sempre a literatura cabo-verdiana em antes e depois dessa publicação. E nesta hora ficamos também a saber que, afinal, Manuel Lopes era o único cabo-verdiano “natural” de três ilhas: de S. Nicolau onde nasceu realmente; de S. Vicente para onde foi levado e registado dias depois do seu nascimento, até ser levado, criança ainda, para Coimbra (Portugal), de onde retornaria jovem adulto por não aguentar as saudades; e, finalmente, de Santo Antão, por obra e graça de Manuel Ferreira que, *No reino do Caliban I*, lhe fixa essa ilha como seu local de nascimento, induzido certamente pelo facto de o grosso da ficção deste claridoso ter a ilha das montanhas como o espaço de acção. Haverá, em Cabo Verde, maior glória do que esta ubiquidade?

Ao longo de todos estes anos, quando o assunto é *Claridade* e os claridosos (por claridosos entenda-se vários outros escritores e intelectuais que se foram juntando ao grupo), a atenção dos críticos tem-se centrado em Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa, mas é provável que, dos três, seja Manuel Lopes aquele que melhor conseguiu realizar o que hoje se chama “programa claridoso”. Antes de mais, por ter, a nível da ficção, produzido uma novelística onde o drama existencial dos cabo-verdianos ficou a todos os títulos bem patente. Primeiro no romance “*Chuva Braba*” (1956) e depois, e sobretudo, nesse épico que é também o romance “*Os*

flagelados do vento leste (1960).

Ainda que os primeiros sinais de *Chuva braba*, cujo nome inicial era *Terra viva*, tivessem surgido no número 4 de *Claridade* (Janeiro, 1947), os dois romances são de um autor que se encontra em plena maturidade pessoal e estética, porque publicados quando ele tinha 49 e 53 anos, respectivamente, portanto, numa altura em que encontrara já o caminho que todo o artista tem de procurar. E, nessa busca, quem quiser haverá de encontrar ressonâncias dos regionalistas brasileiros (José Lins do Rego, Graciliano Ramos...), dos neo-realistas portugueses e até do americano John Steinbeck, de que Manuel Lopes era um assumido admirador.

Na terça-feira, a propósito da sua morte, ouvi Germano Almeida dizer à Rádio de Cabo Verde que Manuel Lopes era o mais politizado dos claridosos, bastando para isso a leitura das suas “*tomadas de vista*”, publicadas na *Claridade*. Eu diria que Manuel Lopes era, ao lado de Baltasar Lopes, o mais intelectualizado do grupo. Veja-se já agora o que ele escreve logo no primeiro número de *Claridade*, na sua primeira “*tomada de vista*” sobre a nossa vocação de conhecer o mundo: “*Todo o caboverdeano vive na ilusão de que não morrerá antes de conhecer o mundo. Esta ilusão é alimentada pelos que regressam, pelos marítimos, pelos emigrantes, pelas cartas que vêm de longe, pelo sentimento obsessivo de lugares melhores. O caboverdeano tem o espírito cheio de visões distantes. Sonha libertar-se do ‘palude’. Partir é, para ele, viver. ‘C’est ne pas partir qui est mourir en peu’, como disse Morand*”. Isto antes, minha gente, de Jorge Barbosa dar à estampa *Ambiente* (1941) onde consta o “*Poema do mar*” com aqueles célebres versos que são a divisa da poesia claridosa: “*Este desespero de querer partir / e ter que ficar*”.

Um lugar cativo na galeria

As reacções à morte de Manuel Lopes são unânimes, independentemente da sua proveniência. Todos, sem excepção, mostram-se pesarosos por ver desaparecer uma figura tão marcante da literatura cabo-verdiana e de uma época, tão importante para o despertar da consciência do cabo-verdiano.

O presidente Pedro Pires foi um dos primeiros a manifestar o seu pesar ao dizer: “*A nação cabo-verdiana acaba de perder um dos vultos maiores da sua literatura*”. Manuel Lopes, de cuja pena brotaram obras de inofismável beleza e profundidade histórica sociológica como “*Os flagelados do vento leste*” e “*Chuva Braba*” ficará guardado na memória colectiva dos cabo-verdianos como um dos que melhor souberam traduzir todo o drama de um povo em luta titânica permanente contra as lestas, a escassez das chuvas e outras adversidade. O grito de denúncia subjacente às obras de Manuel Lopes e de outros claridosos ecoou fundo no peito das novas gerações, incutindo-lhes o pátrio

dever de tudo fazer para que não sejamos jamais “*Os flagelados do vento leste*” e, teimosamente, continuemos de pé, superando, dia após dia, os desafios que se colocam à nação cabo-verdiana no seu percurso de paz de desenvolvimento”.

A Pedro Pires juntou-se depois o coro de pesar do primeiro ministro José Maria Neves, intelectuais e políticos de todo Cabo Verde. O bispo D. Paulino Évora rezou por Manuel Lopes e pediu paz para a sua alma.

“*Com toda a dignidade e justiça, Manuel Lopes vai fazer parte da história da literatura cabo-verdiana, não só por fazer parte do Movimento da Claridade, mas também pelos textos que escreveu antes disso, e que mostravam como ele era um homem preocupado com Cabo Verde*”, afirma Germano Almeida, lembrando que o malgrado escritor “*estava sempre a desafiar a juventude cabo-verdiana no sentido de tomar partido a favor do seu país*”. Uma postura que fez com que Manuel

Lopes, segundo o autor de “*Memórias de um Espírito*”, “*tivesse uma intervenção política muito mais activa do que os outros membros da Claridade, isso sem desmerecer os outros*”.

A morte do escritor põe assim fim às hipóteses de ele poder ser distinguido com o Prémio Camões, como tantas vezes defendeu o poeta Corsino Fortes, presidente da Associação dos Escritores de Cabo Verde. Mas, para Germano Almeida, “*muito dificilmente nós cabo-verdianos vamos algum dia obter esse prémio ou outros do mesmo tipo porque estão marcados*”. Ou seja, “*temos que ser conhecidos. Por isso, não estranho que ele não tenha recebido o Prémio Camões*”.

Aliás, conforme declaração de Corsino Fortes ao *Kriolidadi*, para Manuel Lopes, mais importante do que esse prémio era saber que os cabo-verdianos o consideravam merecedor de tal distinção. “*Um dia Manuel Lopes telefonou-me e disse que o essencial para ele, mais do que o Prémio*

Camões, era saber que uma geração de escritores cabo-verdianos pugnavam para que ele fosse agraciado com tal galardão”, afiança o presidente da AEC, para quem Cabo Verde perdeu uma das suas maiores referências culturais.

De acordo com o poeta, “*Manuel Lopes povoou a nossa memória colectiva com as personagens dos seus romances, Chuva Braba e Os Flagelados do Vento Leste, que não eram meras marionetas mas figuras com vontade própria. Quanto à sua poesia, é emblemático o Poema de quem ficou*”.

Herdeiro do testemunho dos denominados nativistas, entre eles Eugénio Tavares e Pedro Cardoso, Manuel Lopes foi, segundo Fortes, “*um dos primeiros a pronunciar-se a favor da independência das ilhas de Cabo Verde, e com Jorge Barbosa e Baltazar Lopes da Silva fundou o regionalismo cabo-verdiano*”.

E a melhor maneira de exaltar a sua obra, agora que não pertence ao mundo dos vivos, é,

LOPES, claridoso

Entre os seus pares, Manuel Lopes era aquele que parecia ter um projecto literário e conseguiu realizá-lo, não na plenitude certamente, mas, ainda assim, levou-o avante quer através dos seus contos de *O galo cantou na baía*, quer sobretudo através dos seus dois romances, sendo no entanto um poeta com muito menos força telúrica do que Jorge Barbosa e Osvaldo Alcântara. Entre os seus pares, Manuel Lopes deu mostras de levar mais a sério a literatura, sendo disso prova suplementar alguns dos seus ensaios, especialmente *“Considerações sobre as personagens de ficção e seus modelos”* (1973) mas também *“Os meios pequenos e a cultura”* (1951).

Politicamente, não se pode dizer que Manuel Lopes tenha sido um clarividente ou um homem de apostas acertadas. O seu envolvimento com o Estado Novo levou-o a não compreender devidamente o fenómeno da independência de Cabo Verde. Este facto levava Onésimo Silveira a desancar nele sempre que podia, numa animosidade retribuída com igual intensidade pelo autor de *Os flagelados* desde a publicação de *Consciencialização na literatura cabo-verdiana* em 1963.

Melhor dizendo, ao lado de Jorge Barbosa, Manuel Lopes é o claridoso que melhor absorveu a ideologia claridosa, ideologia essa reflectida nessa angústia de *“querer partir e ter de ficar”*, que gerações de cabo-verdianos continuam ainda hoje a experimentar, embora sem a intensidade nem o dramatismo de outrora. Mané Quim, personagem principal de *Chuva Braba*, depois de muito se debater, acaba aliciado por nho Lourencinho e troca a emigração que lhe é proposta pelo padrinho Joquinha pelo pedacinho de terra herdado do pai. Joquinha, apesar de bem sucedido nas terras do Brasil, era um homem infeliz a quem, no dizer de Lourencinho, a emigração roubou a alma. Nenhum dos escritos de ficção de Manuel Lopes é tão carregado de simbolismo como *Chuva braba*, um livro em muitos aspectos imbatível. Nem mesmo por *Os flagelados de*

vento leste, cuja importância se deve fundamentalmente à carga dramática e épica, de tal modo que acabou por servir de mote para Ovídio Martins escrever o seu não menos célebre poema *“Flagelados do vento leste”*, dedicado a Manuel Lopes.

Mas enquanto *Chuva braba* termina com um sinal de esperança (a chuva que cai e leva Mané Quim a desistir da emigração), *Os flagelados do vento leste* é todo ele desolação, falta de perspectiva e fatalidade, que levariam qualquer observador no seu juízo normal a repetir aquela célebre pergunta de Marinha de Campos: porque é que esta gente não se revolta?! O próprio Manuel Lopes, que se recusava a misturar política com literatura, afirma que *Os flagelados do vento leste* contém uma das muitas respostas aos problemas que *Chuva braba* levanta. *“Se ‘Os flagelados’ traduzem uma resposta pessimista e real na sua dramaticidade, outras poderão, felizmente, ser dadas”*, confessa ele em entrevista a Michel Laban, em *Encontro com escritores*.

Será, pois, essa falta de resposta ou de resposta adequada que nos leva ainda hoje a questionar o *“programa claridoso”*, ainda que o movimento em si represente a independência literária de Cabo Verde, como proclamou Aristides Pereira aquando do cinquentenário de *Claridade*, em 1986. Pois, não só o movimento constituiu um *“finçar de pés”* na terra crioula, como, outrossim, definiu os contornos da moderna literatura cabo-verdiana nos seus mais variados géneros artísticos. E, no caso de Manuel Lopes, a sua força é tal que agora que o pano cai para ele, restam os seus personagens, que, de tão reais e verosímeis, parecem gente de carne e osso, a ponto de haver leitores que chegaram a dizer ao próprio escritor, para o seu espanto e delícia, conhecer Mané Quim, Lourencinho, Escolástica, José da Cruz, Zefa, Leandro, Zé Viola, e outros mais. Há melhor reconhecimento público que esse para um escritor?

dos imortais

segundo o presidente da AEC, *“fazer com que a juventude leia e conheça a obra de Manuel Lopes, para que as histórias tristes que ele conta nos seus livros nunca mais aconteçam”*. Por isso, afiança Fortes, *“ao mesmo tempo que apresentamos os nossos sentimentos à família, também nos congratulamos com o facto dessa família nos ter dado uma figura tão importante como ele”*.

Para o ministro da Cultura, Manuel Veiga, *“a morte de Manuel Lopes não é apenas uma perda para todo o Cabo Verde”* porque, *“além de ter uma fina pena tanto na prosa como na poesia, ele revolucionou a literatura cabo-verdiana”*. É disso exemplo, aponta Veiga, *“Chuva Braba, onde denuncia toda a situação social que se vivia na época, a fome e a miséria que grassava nestas ilhas, ao mesmo tempo que mostra como é importante fincarmos o pé neste chão para torná-lo um país melhor”*.

E, embora nesta hora o que domina seja o sentimento de perda irreparável, Manuel Veiga considera que *“é como se Manuel Lopes não tivesse morrido, pois ele produziu obras, entre elas O Galo cantou na Baía, que lhe abriram as portas*

da galeria dos imortais”. Mas é preciso que também as novas gerações conheçam o importante papel que ele desempenhou para o despertar da consciência nacional, daí que o ministro da Cultura diz estar pronto a trabalhar para que as obras dele sejam reeditadas.

Mas também não está posta de parte uma homenagem póstuma a Manuel Lopes, segundo o ministro da Cultura. Este revela que estava a ser preparado um programa de louvor ao malogrado escritor, numa iniciativa conjunta da Câmara Municipal do Porto Novo, concelho onde viveu e se inspirou para realizar a sua imensa obra, da AEC e do Ministério da Cultura. Iniciativa esta que, segundo Veiga, vai ser adiada porque *“agora é hora de deixar as pessoas recolhidas na sua dor”*. Entretanto, as bandeiras estão em meia haste em todo o concelho de Porto Novo.

A *Semana*, sentindo-se devedora de obra de Manuel Lopes, curva-se respeitosamente perante a sua memória, ao mesmo tempo que endereça à viúva e aos demais familiares as suas mais sentidas condolências.

Teresa Sofia Fortes



Biobibliografia de MANUEL LOPES

POR: ARNALDO FRANÇA

Manuel dos Santos Lopes que nasceu na localidade de Campinho, ilha de São Nicolau, a 23 de Dezembro de 1907, com baptismo, dois anos depois em São Vicente, freguesia de Nossa Senhora da Luz, figura erradamente no respectivo assento como dela natural. Nesta ilha frequenta a escola primária residindo durante algum tempo, coincidente com o da I Guerra Mundial, no sítio do Mato Inglês, situado a umas duas dezenas de quilómetros da cidade do Mindelo. Com a morte do pai, acompanha a madrasta que se fixa em Coimbra, aí residindo de 1920 a 1923, tendo-se matriculado no Colégio São Pedro e depois na Escola Comercial. De regresso a Cabo Verde frequenta, como aluno externo, o Liceu fundado no Mindelo em 1917, não tendo porém concluído o curso geral.

Adolescente, aos dezasseis anos emprega-se no Telégrafo Inglês, a Western Telegraph Company, situação em que se mantém até 1930, transitando então para a Italcable, companhia italiana do mesmo ramo. A carbográfica inglesa, sediada na ilha desde 1875 e as companhias carvoeiras, também inglesas, eram os pólos dominantes da economia Sanvicentina que, com o relativamente elevado número de empregados britânicos tiveram um papel preponderante, a todos os níveis na formação da sociedade mindelense sempre muito dependente dos altos e baixos dessas companhias. Assim, o Telégrafo com a introdução de novas tecnologias no sistema das comunicações provocou, cerca de 1930, uma grave crise de desemprego, com o despedimento de algumas dezenas de funcionários cabo-verdianos qualificados, isto numa ilha cuja população na altura rondava os treze mil habitantes.

A permanência de Manuel Lopes na Companhia Telegráfica Italiana, criada em 1925, não ultrapassa dez anos pois com a entrada da Itália na II Guerra Mundial, em 1940, a Marinha Real Britânica corta-lhe o cabo submarino e a cabográfica suspende as actividades.

Manuel Lopes fixa-se então na vizinha ilha de Santo Antão onde explora, como agricultor, uma pequena propriedade rústica que lhe pertence e vive um período dramático que lhe dá o saber de experiência feito reflectido nas obras chave da sua ficção. Período de dois anos em que as consequências da Guerra e da Estiagem se irmanam no contributo à redução de vinte e dois por cento da população da ilha, no total do decénio 1940/50. (35 930/27 947), e num período em que é secundário o papel desempenhado pelos saldos migratórios na evolução geral da população.

Regressado a São Vicente, exerce, por pouco tempo, as funções de tesoureiro da Câmara Municipal que, em 1944, abandona para reingressar na Western Telegraph que o coloca na ilha do Faial, no arquipélago dos Açores, aí permanecendo onze anos, deslocando-se então para Lisboa, onde se fixou definitivamente.

Um dos fundadores da revista *Claridade* (foi seu director nos dois primeiros números), com colaboração ficcionista, poética e ensaística, intermitente após a sua saída de Cabo Verde. As suas *Tomada de Vista* publicadas no primeiro e terceiro números, subjectivando o homem cabo-verdiano, são como que suportes que corporizam a efabulação dos seus dois romances: *Chuva Braba* (Prémio Fernão Mendes Pinto, 1956) e *Os Flagelados do Vento Leste* (Prémio Meio Milénio do Achatamento das Ilhas de Cabo Verde, 1960). É autor de uma colectânea de contos intitulada *Galo Cantou na Baía*. Um pequeno opúsculo monográfico intitulado *Paul* foi publicado em 1932.

Como poeta publicou em 1949 *Poemas de Quem Ficou* e em 1964 *Crioulo e Outros Poemas*. O conjunto da sua produção poética, incluindo parte da publicada antes de eclodir o movimento claridoso, foi antologizado por Alberto Carvalho em *Falucho Ancorado*, 1997.

A prosa ensaística de Manuel Lopes compreende as referidas *Tomada de Vista* e, entre outra colaboração dispersa em periódicos e opúsculos, *Os Meios Pequenos e a Cultura* e *Considerações sobre as Personagens de Ficção e seus Modelos*.

Anteriormente à fundação da *Claridade* colaborou no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e nos periódicos cabo-verdianos *Notícias de Cabo Verde* e *Ressurgimento*.

Em 1979 em Colóquio/Letras, de Maio, publicou o conto *Cebola Branca* e em 1986, no número comemorativo do cinquentenário de *Claridade*, o conto *A Morte de Nho Cacaí* e dois poemas intitulados *Estiagem*.

Manuel Lopes dedica-se à pintura tendo realizado exposições individuais nos Açores e em Portugal.

Da Bibliografia passiva sobre a obra de Manuel Lopes distinguem-se: Maria Luísa Baptista, *Vertentes da Insularidade na Novelística de Manuel Lopes*; Marie-Christine Hanras, *Manuel Lopes - Um Itinerário Inicial*; António Cândido Franco, *Exercício sobre o imaginário Cabo-Verdiano (Simbologia Telúrico-Marítima em Manuel Lopes)*.

KRIOLIDADI

Agenda Cultural

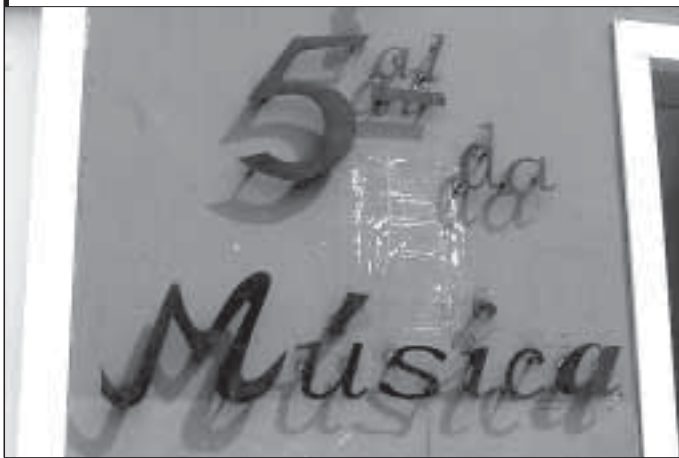


Susana Lubrano estará em concerto no próximo dia 3 de Fevereiro, quinta-feira, na cidade de Brabant, Holanda. Um espectáculo em que a Melhor Artista de África 2003 apresentará um repertório totalmente acústico dos seus mais importantes sucessos, entre eles "Foho", "Tudo pa Bô" e "Silêncio".

"Insular Instantaneous" é o título da exposição do fotógrafo português Luís Costa que é aberta hoje, 28, ao grande público, na mediateca do Instituto Piaget. Trata-se de uma colecção de fotografias tiradas por Luís Costa durante as suas viagens pelas ilhas de Cabo Verde. Freelancer, Costa é um fotógrafo de carreira, com trabalhos publicados nalguns dos mais importantes jornais e revistas do mundo, entre eles Público, Washington Post, Sunday Telegraph, Der Spiegel e National Geographic Travel.



São os grupos que dominam a programação deste fim-de-semana no Quintal da Música: hoje, 28, é o concerto do Tropical Som e para amanhã, 29, está reservado o espectáculo do Vulcão do Fogo. Na terça-feira, 1 de Fevereiro, o palco é das Batucadeiras de Taiti.



Duas gerações, Lela Violão e Tó Tavares, juntam-se hoje, 28, no palco do Centro Cultural Francês, às 18h30, para uma tocatina tradicional cabo-verdiana, com a guitarra no trono. Promessa de um agradável fim de tarde, de bonitas mornas e coladeiras.

A dança é rainha no Centro Cultural do Mindelo, neste fim-de-semana. Amanhã, 29, o grupo Dangerous apresenta um espectáculo de estilos cabo-verdianos e internacionais, às 18h30. Domingo, 30, à mesma hora, o palco do auditório é para o grupo do bailarino Jorge Dança.



"Canções de Cabo Verde" é o título do concerto que a Morabeza Records promove amanhã, 29, no L'Hay-les-Roses, em Paris. Para cantar os diversos estilos que fazem a música cabo-verdiana, foram convidados Jorge Humberto (foto) e Mayra Andrade, ambos a residirem em França.



Francisco Fragoso, poeta e dramaturgo, director do lendário grupo Korda Kaoberdi, anima hoje, 28, uma palestra cujo tema é: "teatro em desenvolvimento". O local escolhido é o auditório da Biblioteca Nacional e a hora é às 18h15.



KRIOLIDADI

ANDREW MAH

em *tournee* pelo arquipélago



O guitarrista clássico Andrew Mah, canadiano, distinguido pela sua virtuosidade e fina musicalidade, inicia em Fevereiro próximo uma mini-tournee por Cabo Verde. O músico nascido em Ottawa, numa família de guitarristas, interpretará um repertório internacional, que inclui composições do cabo-verdiano Vasco Martins.

Andrew Mah estudou na Universidade de Toronto e no Conservatório de Música do Quebec. Frequentou aulas de mestres conhecidos em todo o mundo, como David Russel, Manuel Barrueco, David Tanenbaum, Sérgio Assad, entre outros, que lhe deram a erudição e o à-vontade suficientes para se tornar num supremo vencedor de competições nacionais e internacionais.

O seu primeiro CD, apresentado em 2001, "*Presenting Andrew Mah*", tem vindo a receber crítica entusiástica pela sua técnica brilhante e estilo único. Facto que torna, desde já, muito apetecível para os apreciadores da música clássica, a digressão que Andrew Mah fará pelo arquipélago cabo-verdiano. O primeiro concerto será a 4 de Fevereiro, no Centro Cultural do Mindelo. Ribeira Grande e Praia, nos dias 10 e 12 de Fevereiro, respectivamente, são os outros dois palcos da tournee.

Durante os espectáculos, que se realizam com o apoio do Canada Council for the Arts e o Ministério da Cultura de Cabo Verde, poderá ouvir composições de Roddy Elias (*Nothing to Gain*, *Nothing to Lose*, *Innocence* e *Bone Dance*), Patrick Roux (*Le bourdon de l'ame*, *Simplement choro*, *D'un ciel à l'autre* e *Valse vertigo*) e, na segunda parte, as obras *Situações triangulares*, *Sattva* (em 3 partes), *Prelúdio*, *Gesto flutuante*, *Estudo*, *Deserto subtil* (em 8 partes), *Num Varanda* e *Molto Continuum* de Vasco Martins.

Teresa Sofia Fortes



"*Pétalas Vivas*",

1º disco de

TINA DUARTE

A guerra obrigou-a a deixar a sua terra natal, Angola, e partir em busca de um porto seguro, que encontrou há nove anos em Cabo Verde. Agora, o seu coração divide-se entre estes dois países irmãos, como canta Tina Duarte no seu primeiro disco, "*Pétalas Vivas*". Um álbum em que o dialecto de Malange convive com o crioulo e o português, e o semba vai de mãos dadas com o cola-zouk.

Dirigido por Kim Alves e gravado no K Magic Studio, na Praia, "*Pétalas Vivas*" é, segundo Tina Duarte, "*o resultado de um longo trabalho na medida em que outras situações foram acontecendo na minha vida e adiaram a concretização deste projecto*". Funcionária pública - é professora -, Tina Duarte aproveitava as férias para gravar o disco, o que fez com que entre a gravação da primeira música e a da última decorresse um ano e meio.

O disco, que se intitula "*Pétalas Vivas*" porque, diz Tina Duarte, "*é como uma rosa que nasce com pétalas vivas e bonitas para serem apreciadas*", tem um repertório constituído por dez composições inéditas, todas da autoria da própria cantora. Angolana de nascimento e cabo-verdiana de nacionalidade, Tina Duarte faz neste CD uma tripla homenagem: a Malange, a cidade que a viu nascer, a Angola, o país do qual é originária, e a Cabo Verde, um país que, confessa a cantora, "*me acolheu há nove anos quando a situação de Angola não era nada favorável e me ajudou, quando mais precisei, com paz e segurança*".

Assim, Tina Duarte, que foi representante de Malange por diversas vezes no programa "*Top dos mais queridos*", transmitido em Angola, não só canta semba no dialecto de Malange e em português, como experimenta interpretar cola-zouk em crioulo de Barlavento e Sotavento, com uma voz que ora transmite a alegria típica do angolano ora se torna profunda e quente, cheia de saudade e amor pela vida e pela música.

TSF

SILAS PINTO EM ESTREIA A SOLO

O doutoramento em Psicologia da Educação ocupa quase todo o seu tempo, mas é nas horas livres que Silas Pinto, 27 anos, cabo-verdiano residente nos Estados Unidos há 15 anos, desfruta do seu maior prazer - a música. Um hobby que vai mostrar os seus primeiros frutos com o lançamento do seu primeiro CD a solo: uma simbiose dos estilos gospel, funaná, jazz, batuco.

Mestre Tigre é o nome de guerra com que Silas Pinto foi baptizado no seio da comunidade capoeirista de Providence, onde reside desde que partiu de Cabo Verde. E é essa garra, que também põe na prática do Tae-kwondo, que agora quer mostrar nas composições que seleccionou para aquele que será o seu primeiro disco.

Com um repertório 100 por cento da sua autoria, Silas Pinto destaca neste seu CD temas como "*Nôs Dia*", "*Primeiro Amor*", "*BCV Capoeira*", "*No Djunta*" e "*Leban di li*", este último dedica-

do à sua avó. A orquestração do disco, que ainda não tem título, é entretanto uma tarefa que divide com Djim Djob, Phil Base, Tony Kids, músicos da A M S Recording que também interpretam diversos instrumentos.

O lançamento do álbum, que apresenta estilos como cola zouk, batuco, funaná e gospel - influência da sua experiência de fé cristã vivida no seio da Igreja do Nazareno, em Providence -, está previsto para Março ou Abril. Quanto ao país onde deseja fazer o lançamento do CD, Silas Pinto não tem dúvidas: Cabo Verde.

Um desejo que se viu reforçado durante a visita que fez recentemente à terra natal e que lhe deu a oportunidade de fazer alguns espectáculos - Quintal da Música, Bomba H, Mocidade para Cristo, dentre outros - e sentir o modo como as pessoas reagem à sua música.

Teresa Sofia Fortes



Música

Cabo Verde na vanguarda da indústria fonográfica



Cabo Verde, mais concretamente a ilha do Sal, deverá em breve entrar no mapa mundial da indústria fonográfica. É que o empresário e produtor musical Djô da Silva prepara a fase final de um projecto para um centro cultural na ilha do aeroporto que, além de uma sala de espectáculo e exposições de vídeo, com capacidade para 600 pessoas sentadas, contará com um estúdio de som e imagem de última geração.

O projecto do homem da Lusáfrica quer desta forma atrair músicos do mundo inteiro, principalmente da costa ocidental africana, e da Europa, para gravarem em Cabo Verde, respondendo dessa forma ao desejo manifestado por muitos desses músicos. "*São cada vez mais os músicos estrangeiros interessados na sonoridade e na riqueza da nossa música*", diz Djô da Silva antes de apontar as perspectivas de abertura do mercado turístico trazido por um fluxo de turistas com gastos e apetência muitos particulares: a música. Profundo conhecedor das potencialidades da música crioula, o empresário aposta na internacionalização da música cabo-verdiana impulsionada por nomes como Cesária Évora, o fale-

cido Ildo Lobo, e jovens talentos como Lura e Tcheka, artistas que ele ajudou a promover.

E, segundo Djô da Silva, o centro vai oferecer um estúdio equipado "*com o que de mais moderno há na tecnologia de som digital*", pelo que "*os músicos que queiram vir experimentar os nossos sons e trabalhar de perto com os nossos músicos*", irão fazê-lo "*em condições de primeiro mundo*".

Desta forma, defende Silva, será possível abrir um novo campo de cooperação com as culturas do mundo, proporcionando um intercâmbio musical sem precedentes no país, "*seja através dos músicos estrangeiros que possam vir, eventualmente, cá gravar, seja através de convites para palestras, ou outros intercâmbios. Com isso, é um novo mercado turístico que se abre*".

Pensando nessa combinação de música e lazer, nada mais óbvio do que optar pela ilha do Sal, que além de ser a "*porta de entrada*" e ponto de passagem para milhares de turistas e potenciais clientes, possui a maior infraestrutura turística do país, sendo a "*capital*" do turismo nacional.

O centro, que irá ocupar uma área de 3000 m2 na baía da Murdeira, permitirá ao cliente usufruir de todas as comunidades que oferece a infraestrutura já existente na vila turística ali localizada. "*Será, se não o único, dos poucos estúdios com vista para o mar*", salienta o empresário, ao mesmo tempo que descreve esse mesmo estúdio: uma construção suspensa, com paredes de vidro que permitirão ao músico ter uma vista privilegiada e... "*inspiradora*". Além da parte de produção e captação de vídeo e imagem, a infra-estrutura funcionará também como um centro de formação de técnicos nessas áreas.

O sucesso internacional de Djô da Silva, que já mereceu, inclusive, uma candidatura ao Grammy de melhor produtor, e levou Cesária Évora à conquista de um Grammy em 2004, é, com certeza uma quase garantia de que a ilha do Sal e Cabo Verde podem sonhar alto com este projecto. Projecto, esse, que já mereceu aplausos de músicos cabo-verdianos como Tito Paris, entre outros, quanto mais não seja por representar a concretização de um sonho: gravar um disco na sua terra natal, Cabo Verde.

KRIOLIDADE

ASTROLOGIA

1ª Semana de Fevereiro

CARNEIRO



CARTA DA SEMANA: 3 de Ouros, que significa **Poder**.

AMOR: Não espere que o amor vá ter consigo, procure ser você a distribuir amor pelas pessoas que o rodeiam.

SAÚDE: Período calmo, sem preocupações de maior.

DINHEIRO: Lute pelos objectivos que pretende atingir a nível profissional.

Número da Sorte: 67

Número da Semana: 7, 28, 16, 38, 24, 41

GÊMEOS



CARTA DA SEMANA: Ás de Espadas, que significa **Sucesso**.

AMOR: Esta semana conhecerá pessoas importantes para a sua vida futura.

SAÚDE: O stress levá-lo-á a situações de desgaste físico e mental.

DINHEIRO: Evite gastos desenfreados.

Número da Sorte: 51

Número da Semana: 17, 25, 30, 2, 9, 28



LEÃO

CARTA DA SEMANA: 8 de Copas, que significa **Concretização, Felicidade**.

AMOR: Semana marcada pelo romance e pela paixão.

SAÚDE: Algumas dores musculares, relaxe mais.

DINHEIRO: O seu chefe poderá testar a sua competência. Esforce-se por mostrar as suas competências profissionais.

Número da Sorte: 44

Número da Semana: 17, 23, 38, 9, 49, 3



SAGITÁRIO

CARTA DA SEMANA: Rainha de Espadas, que significa **Melancolia**.

AMOR: Poderá reencontrar alguém que já foi muito importante para si no passado.

SAÚDE: Atenção ao sistema respiratório.

DINHEIRO: Será reconhecido pelo trabalho prestado.

Número da Sorte: 63

Número da Semana: 23, 11, 36, 44, 29, 6



TOURO

CARTA DA SEMANA: 10 de Ouros, que significa **Prosperidade, Riqueza e Segurança**

AMOR: O seu poder de atracção vai abalar muitos corações.

SAÚDE: Algumas dores de cabeça poderão incomodá-lo, procure o seu oftalmologista.

DINHEIRO: Época favorável para pedidos de empréstimo, mas seja prudente.

Número da Sorte: 74

Número da Semana: 29, 32, 43, 14, 2, 27

CARANGUEJO



CARTA DA SEMANA: 7 de Paus, que significa **Discussão, Negociação Difícil**.

AMOR: Nem sempre dizer sim é bom para a sua relação. Imponha a sua vontade, pois o amor é dar e receber.

SAÚDE: Sentir-se-á um pouco nervoso, deve evitar o excesso de preocupações.

DINHEIRO: Prepare-se e conte com despesas extra.

Número da Sorte: 29

Número da Semana: 14, 18, 26, 48, 35, 7



VIRGEM

CARTA DA SEMANA: 7 de Ouros, que significa **Trabalho**.

AMOR: Cuidado com aquilo que diz pois pode magoar alguém de quem gosta muito.

SAÚDE: Reduza o ritmo de trabalho e descanse mais. Lembre-se que o seu bem-estar está acima de qualquer coisa.

DINHEIRO: Nem sempre trabalhar desenfreadamente é produtivo, pense nisso.

Número da Sorte: 71

Número da Semana: 49, 10, 5, 19, 11, 20



CAPRICÓRNIO

CARTA DA SEMANA: Valete de Copas, que significa **Lealdade, Reflexão**

AMOR: Não se preocupe, pois as discussões que tem tido com a sua cara-metade, não passam de uma fase menos positiva da vossa relação.

SAÚDE: Prováveis dores de dentes.

DINHEIRO: Património protegido.

Número da Sorte: 47

Número da Semana: 20, 27, 9, 14, 40, 32

Maria Helena
Centro Português de Esoterismo
O Esoterismo e a Ciência de mãos dadas

Serviços:

Tarot - consultas por telefone

Astrologia

- mapa astral (adultos e crianças)
- mapa de compatibilidades
- ascendentes

Pode receber os nossos serviços por correio

Consultas por telefone

(Marque o indicativo de Portugal +) 21 3182599

Saiba as previsões para 2005

Receba grátis as características do seu signo

Avenida Praia da Vitória n° 43 - 1º andar 1000-246 Lisboa
(junto ao metro do Saldanha)Móvel: 96 371 73 73 - 91 727 48 26
Telef. da direcção: 21 318 25 90

E.mail: mhelenamartins@netcabo.pt

Site: www.astromhm.com

Saiba as suas previsões diárias e semanais em www.sapo.pt/Astrologia

BALANÇA



CARTA DA SEMANA: Ás de Paus, que significa **Energia, Iniciativa**.

AMOR: Procure satisfazer os desejos do seu par.

SAÚDE: Visite com maior regularidade o seu médico de família.

DINHEIRO: Período bastante positivo.

Número da Sorte: 23

Número da Semana: 25, 11, 33, 5, 17, 1



AQUÁRIO

CARTA DA SEMANA: 2 de Ouros, que significa **Dificuldade/ Indolência**.

AMOR: Um romance está para breve. Fase propícia ao conhecimento de novas pessoas que suscitarão o seu interesse.

SAÚDE: Algumas dores de cabeça.

DINHEIRO: Pense positivo e não se deixe abater por uma pequena discussão com um colega de trabalho.

Número da Sorte: 66

Número da Semana: 21, 14, 16, 23, 45, 9

ESCORPIÃO



CARTA DA SEMANA: A Torre, que significa **Convicções Erradas**.

AMOR: Sentir-se-á manipulado pelos seus amigos.

SAÚDE: Cuide mais de si e do seu corpo.

DINHEIRO: Deve ser comedido e evitar gastos supérfluos.

Número da Sorte: 16

Número da Semana: 9, 46, 27, 33, 21, 14



PEIXES

CARTA DA SEMANA: 6 de Paus, que significa **Ganho**

AMOR: Dê mais atenção à sua família e deixe um pouco o trabalho de lado. Saúde: Possíveis problemas renais.

DINHEIRO: O aumento do seu rendimento mensal poderá estar relacionado com uma promoção no seu local de trabalho.

Número da Sorte: 28

Número da Semana: 45, 9, 28, 34, 17, 41

CESTARIA TRADICIONAL DE S. NICOLAU

Artesanato em extinção

Artesanato

Contam-se nos dedos de uma mão o número de artesãos que actualmente se dedicam à cestaria em São Nicolau. Kriolidade descobriu um deles, Miguel Fortes, na pequena localidade de Caleijão, onde, em meio a uma paisagem verdejante e de montanhas imponentes, cria com mestria peças que correm o risco de ser únicas. É que, se não bastasse a escassez de materiais, são cada vez menos os jovens que se interessam em aprender cestaria.

As mãos foram sempre o principal instrumento de trabalho de Miguel Fortes, primeiro no exército, quando nos anos 80 cumpriu o serviço militar, depois como sergente de pedreiro em obras do Estado. Um belo dia, um outro par de mãos, ágeis, rápidas e certeiras cativaram a sua atenção. Eram as mãos daquele que lhe mostraria a sua actual profissão - artesão de cestaria. "Quando vi aquele senhor a trabalhar cestaria, gostei imenso e decidi experimentar também", conta Miguel Fortes, enquanto dá forma a uma nova peça.



Uma paixão que dura até hoje e que só amaina quando falta material. Uma situação que é cada vez mais frequente porque, de acordo com o artesão sanicolauense, "é muito trabalhoso conseguir os materiais, nomeadamente vara de barnabeira, palha de coco, corda de

bananeira, bambu, etc. Tenho que me deslocar a lugares altos e de difícil acesso, e depois, devido à escassez de chuva sou obrigado a fazer longas distâncias para consegui-los".

Um contexto que obriga Miguel Fortes a utilizar outros tipos de materiais,

sem que o estilo típico de São Nicolau se perca. Com uma rapidez que, à primeira vista, dá a impressão de que se trata de um trabalho fácil, Fortes tanto fabrica peças de cestaria grossa - mais rude e forte, próprias para as lides agrícolas ou domésticas -, como cria obras mais delicadas, de acabamento fino e perfeito que podem decorar qualquer casa.

Cestos e cestas, fruteiras, garrafas, potes e garrafões empalhados são os produtos que não encontram um mercado de escoamento, consequência do isolamento em que a ilha de São Nicolau vive, sem ligações marítimas ou aéreas permanentes. "Já fiz algumas exposições na Praia, no Sal e uma vez nos Estados Unidos, mas, excluindo uma loja na Ribeira Brava, normalmente tenho dificuldade em vender as minhas peças". Talvez por isso, os jovens de São Nicolau não mostrem interesse em aprender cestaria tradicional.

TSF

C I N E M A



PRAIA - "Sky Captain e o Mundo de Amanhã"

É um filme que aposta no retorno ao imaginário de aventuras de ficção científica dos anos 30 a 50. O desenrolar da acção começa em 1939, em Nova Iorque, que está a ser atacada por robôs gigantes. Polly Parkins (Gwyneth Paltrow) é apanhada no meio da confusão enquanto investiga o desaparecimento misterioso de diversos cientistas espalhados pelo mundo. No meio do caos, o ex-namorado de Polly, o capitão Joe Sullivan (Jude Law) salva-lhe a vida e reúnem-se novamente em busca dos estranhos gigantes mecânicos.

MINDELO "Cellular - Ligação de Alto Risco"

Uma chamada de um número desconhecido no seu telemóvel leva um jovem a uma corrida contra o tempo para salvar a vida de uma mulher. Sem conhecer nada de Jessica (Kim Basinger), à parte a sua voz de pânico e terror do outro lado da linha, Ryan (Chris Evans) é rapidamente lançado para um mundo de suspeição e morte com o intuito de salvar a mulher do outro lado da linha. Mas isso pode custar-lhe a própria vida.



ASSOMADA - "Era uma vez um pai"

Esta é a história de Ollie Trinke (Ben Affleck), um calmo e bem sucedido publicitário de Manhattan, que parece ter tudo. Mas, quando menos espera, a sua vida perfeita é tragicamente alterada com a morte da sua mulher - deixando-o no papel de pai solteiro, sem qualificações para tomar conta do serviço...

Completamente desorientado com uma filha pequena a seu cargo, Ollie vê a sua vida na grande cidade desmoronar-se. Ao perder o emprego e a sorte, ele é obrigado a regressar à sua terra natal e viver com o seu pai nos subúrbios de Nova Jersey. Agarrado a um emprego desinteressante, ele não vê saída nem maneira de regressar à vida que antes amava. Certo dia, ao ir pela milionésima vez com a filha ao cinema ver o seu filme favorito, Ollie conhece Maya (Liv Tyler), que desafia as suas prioridades e perspectivas...



BAIRRO - "Supremacia"

Filme de acção, "Supremacia" conta a história de Jason Bourne, interpretado pelo oscarizado Matt Damon ("O Bom Selvagem"), um ex-assassino frio e calculista criado pela Tretstone. Durante dois anos, ele conseguiu levar uma existência anónima, abrindo mão da estabilidade de um lar e mudando-se com Marie (Franka Potente) sempre que surge uma ameaça de ser descoberto. É, então, que na pacata vila onde moram, um dia aparece um agente, facto que não deixa ao casal senão a alternativa de fugir mais uma vez. Entretanto, Bourne descobre que um novo jogo internacional de perseguição está em cena e faz com que o ex-assassino tenha que confrontar os seus velhos inimigos.

KRIOLIDADI



CABO-VERDIANO DE 13 ANOS NA FINAL DO CAMPEONATO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Valter Delacht Mendes de Andrade, de apenas 13 anos, é o único cabo-verdiano classificado para a final do Campeonato de Língua Portuguesa, que acontece a 12 de Fevereiro próximo, em Lisboa, Portugal. O rapaz, que frequenta o 8º ano na cidade do Mindelo, sua terra natal, ultrapassou a concorrência de outros 35 cabo-verdianos, entre eles gente com curso superior e mais velha do que ele. Um facto que deixa Valter, como o próprio diz, "feliz e orgulhoso, mas ao mesmo tempo ciente da responsabilidade que é participar na final de um concurso como este".

A ideia de inscrever Valter no Campeonato de Língua Portuguesa foi do seu irmão, de 17 anos, aluno do Liceu Ludgero Lima. Mas, conta Valter, "quando vi a ficha de inscrição decidi definitivamente que iria participar, pois constatei que a participação nesse concurso poderia aumentar o meu conhecimento da língua portuguesa e fortalecer a minha cultura geral".

Para se preparar para o primeiro teste do Campeonato de Língua Portuguesa, que diz ter sido fácil, uniu-se aos seus três irmãos, que também se tinham inscrito no certame. Todos foram classificados para a segunda fase. "Veio o segundo teste, pesquisámos juntos novamente, mas só eu fui aprovado", afirma Valter com um sorriso tímido mas com um orgulho que o brilho dos olhos não deixa passar despercebido.

"É uma grande responsabilidade representar Cabo Verde num concurso como este. Mas não estou preocupado", diz o adolescente, pois, acrescenta, "penso que o mais importante é participar, não ganhar. Só o facto de ter sido o melhor de Cabo Verde chega para mim". Vai dizendo entretanto que vai tentar ganhar a final. "Se vencer, melhor ainda é", manifesta Valter, que vai a Portugal com a passagem de avião patrocinada pelo Instituto Camões.

Felicitado por pais, irmãos, familiares, amigos de Campim e colegas de escola, Valter mostra-se mais surpreendido por ter sido melhor do que Germano Almeida, advogado de profissão e tido como o melhor escritor cabo-verdiano da actualidade. "Germano Almeida é um excelente escritor e ter passado à frente dele e dos meus colegas do 8º ano e dos meus irmãos que também concorreram faz-me sentir importante", diz o jovem que confessa ser leitor compulsivo, facto que terá contribuído para a sua boa performance.

"Gosto muito de língua portuguesa, leio bastante graças a uma pequena biblioteca que temos em casa e no 6º ano fiz vários trabalhos de escola que me permitiram aumentar o meu conhecimento sobre a literatura, em especial a cabo-verdiana, pelo que empenhei-me imenso neste último teste", diz Valter. E valeu bem a pena o investimento.

Num universo de 600 inscritos cabo-verdianos no I Campeonato Nacional de Língua Portuguesa, que se iniciou a 25 de Outubro último - com organização conjunta da Sic Notícias, jornal Expresso e Jornal de Letras -, 35 foram apurados para a segunda fase. Um número que, corrigidos os testes, ficou reduzido a um só concorrente - o adolescente Valter Delacht Mendes de Andrade.

Teresa Sofia Fortes

Literatura

BIOGRAFIA

de Frei Gesualdo Fiorini em livro

A vida e obra de Frei Gesualdo Fiorini, padre italiano residente em São Nicolau há 50 anos, figura querida pelos naturais da ilha pelo seu abnegado trabalho social, é tema de um livro que José Cabral, actual vereador da Câmara Municipal de São Nicolau, tem pronto para lançamento. Trata-se de um opúsculo, afirma Cabral, "em jeito de reconhecimento pela obra feita para preservar a memória da ilha".

De seu nome de família Giulio Fiorini, o Frei nasceu a 26 de Janeiro de 1923, em Fiuggi, Itália. Enquanto Frei da ordem franciscana, iniciou em 1955, aos 32 anos, a sua acção na ilha de São Nicolau, onde desembarcou do navio Senhor das Areias no antigo Porto da Preguiça. Trabalhou durante 18 anos na vila da Ribeira Brava, e depois mudou-se para a vila do Tarrafal, na altura apenas um aglomerado de casotas de pescadores. Ali reside ainda hoje e ali espera comemorar as suas 82 primaveras.

Além de sacerdote zeloso com a vida conjugal dos seus fiéis - só entre 1962 e 1963 Frei Gesualdo Fiorini realizou 250 matrimónios de famílias pobres, que viviam em estado de manebia, tendo assumido todas as despesas de vestuário, documentação e registo civil dos noivos -, o padre franciscano foi o grande impulsionador da emigração de raparigas sanicolauenses para a Itália nos anos 60.



Segundo José Cabral, "com o decorrer dos anos", elas "mandaram buscar familiares e amigas", tornando o destino Itália em "uma emigração porventura das mais bem sucedidas", e que até hoje perdura.

Mas a grande obra de Frei Gesualdo Fiorini está na educação e formação profissional. Transformou capelas em escolas para suprir a falta de infra-estruturas adequadas à massificação do ensino, inclusive pagava o salário dos professores, e criou uma escola de formação profissional, com cursos de costura e oficinas de carpintaria, mecânica, confecção de blocos de argamassa de betão, bem como fardamento e armazenagem de pasto para os animais, que beneficiaram milhares de jovens.

Também por toda a ilha estão espalhadas infra-estruturas religiosas e sociais promovidas por Frei Gesualdo Fiorini, que por ocasião das últimas festas do município de São Nicolau, em Dezembro último, foi homenageado com a atribuição de seu nome a uma das principais vias da vila do Tarrafal.

Na forja, José Cabral tem também biografias de outras importantes personalidades sanicolauenses: Joaquim Loureiro Rabaça, principal financiador da Fábrica de Conserva de Peixe Ultramarina, Frei Mauro e os pastores nazarenos Luciano de Barros, Álvaro Andrade e Daniel de Barros, do médico Júlio José Dias. Este discípulo de Louis Pasteur e grande filantropo teve a sua tese de doutoramento - sobre tratamento para pedras na bexiga - recentemente lançada em livro, na vila da Ribeira Brava.

Teresa Sofia Fortes



Raiz di Polon à conquista de África

A dupla de bailarinas da companhia de dança contemporânea Raiz di Polon, Elisabete e Rosy Timas, partem no domingo, 30, para uma digressão pelo continente africano com a peça "Duas sem Três". A tournée, que é a recompensa pelo Prémio Especial do Júri arrecadado nos V Encontros Coreográficos da África e do Oceano Índico, em Novembro de 2003, durará dois meses e levará as duas dançarinas a 17 países da África oriental e austral.

A digressão começa a 8 de Fevereiro, no nordeste africano, em Djibuti, e termina em Nairóbi, Quênia, no dia 2 de Abril. No total, são 17 espectáculos que estão sendo organizados em parceria com os Centros Culturais Franceses e Alianças Francesas dos países a serem visitados e a

Associação Francesa de Acção Artística, entidade que promove anualmente os Encontros Coreográficos de África e do Índico.

Uma agenda jamais vivida pela dupla do Raiz di Polon, que tem assim a oportunidade de mostrar a dança moderna cabo-verdiana a um público internacional variado desde Addis-Abeba (Etiópia) a Port Louis (Maurícias), passando por Antananarivo (Madagáscar), Moroni (Comores), Kigali, (Ruanda), Bujumbura (Burundi) e Asmara (Eritreia); e, ainda, Kampala (Uganda), Maputo (Moçambique), Lusaka (Zâmbia), Blantyre (Malawi), Harare (Zimbabué), Windhoek (Namíbia), Manzini (Suazilândia), Joanesburgo (África do Sul). Na cidade sul-africana, o Raiz di Polon participará no festival Dance Umbrella e leccionará workshops para cri-

anças do Soweto nos dias 4, 5 e 6 de Março.

É a internacionalização do Raiz di Polon a ficar devagarinho a dança cabo-verdiana na roda do mundo, graças a "Duas sem Três", peça inspirada num texto de Mário Lúcio Sousa e coreografada pela portuguesa Margarida Mestre. O tema fala do lugar especial que a mulher ocupa na cultura cabo-verdiana, pois sendo Cabo Verde um país de emigrantes, são as mulheres que mantêm as tradições e asseguram a sobrevivência e a continuação. Esta força das mulheres fica bem patente no canto e na dança de Elisabete Fernandes e Rosy Timas, que utilizam o corpo como instrumento musical, permitindo assim o desmultiplicar da linguagem corporal, dos ritmos e sonoridades.

Teatro

OS PALCOS DA DIGRESSÃO

10 de FEVEREIRO	- Alliance Ethio-Française d'Addis Abeba (Etiópia)	7/8 de MARÇO	- Dance Factory, no âmbito do festival Dance Umbrella, Joanesb. (África do Sul)
12 de FEVEREIRO	- Teatro Nacional de Kampala (Uganda)	10 de MARÇO	- Centre Culturel Charles Baudelaire, Port Louis (Maurícias)
15 de FEVEREIRO	- Centro Cultural Franco-Moçambicano de Maputo (Moçambique)	14 de MARÇO	- Centre Culturel Albert Camus, de Antananarivo (Madagáscar)
17 de FEVEREIRO	- Alliance Française de Lusaka (Zâmbia)	17 de MARÇO	- Centre Culturel Français de Moroni (Comoros)
20 de FEVEREIRO	- Centre Culturel et de Coopération Linguistique de Blantyre (Malawi)	23 de MARÇO	- Centre d'Échanges Culturels Franco-Rwandais de Kigali (Ruanda)
23 de FEVEREIRO	- Alliance Française de Harare (Zimbabué)	26 de MARÇO	- Centre Culturel Français de Bujumbura (Burundi)
26 de FEVEREIRO	- Centre Culturel Franco-Namibien de Windhoek (Namíbia)	30 de MARÇO	- Alliance Française d'Asmara (Eritreia)
2 de MARÇO	- Alliance Française de Mbabane (Suazilândia)	2 de ABRIL	- Alliance Française de Nairobi (Quênia)